GEOGRAFIA FÍSICA E DAS POPULAÇÕES
INFORMAÇÕES GERAIS

APRESENTAÇÃO

O curso foi idealizado, objetivando as discussões em torno da Geografia Física e das Populações que tem permeado diversos campos dentro da esfera científica. Diversos profissionais estão buscando novos conhecimentos para construir alternativas para aqueles problemas gerados pela ação antrópica no espaço, acerca das questões econômicas, socioambientais, e também para poder gerar novas ações que tenham como orientação principal a preservação e a sustentabilidade dos recursos naturais no mundo.

OBJETIVO

Promover a qualificação de graduados em geografia e em áreas afins, possibilitando o aperfeiçoamento e a formação dos especialistas para atuar em atividades de ensino e cursos de extensão, contribuindo para ampliar as investigações a cerca da geografia física, os novos processos e dinâmicas contemporâneas do planeta a fim de integrar equipes multidisciplinares no domínio dos estudos ambientais, do planejamento e do ordenamento do território na esfera global.

METODOLOGIA

Em termos gerais, a metodologia será estruturada e desenvolvida numa dimensão da proposta em EAD, na modalidade online visto que a educação a distância está consubstanciada na concepção de mediação das tecnologias em rede, com atividades a distância em ambientes virtuais de aprendizagens, que embora, acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e ou no tempo, mas que se interagem através das tecnologias de comunicação. É importante salientar que a abordagem pedagógica que valorize a aprendizagem colaborativa depende dos professores e dos gestores da educação, que deverão torna-se sensíveis aos projetos criativos e desafiadores. Fornecerá aos alunos conhecimentos para desenvolver competências que possibilitem o desempenho eficiente e eficaz dessas respectivas funções, na perspectiva da gestão estratégica e empreendedora, de maneira a contribuir com o aumento dos padrões de qualidade da educação e com a concretização da função social da escola.

Código	Disciplina	Carga Horária
74	Ética Profissional	30

APRESENTAÇÃO

Conceitos de ética e moral, sua dimensão nos fundamentos ontológicos na vida social e seus rebatimentos na ética profissional. O processo de construção do ethos profissional: valores e implicações no exercício profissional.

OBJETIVO GERAL

Compreender a natureza, importância e possibilidades da Ética profissional na visão social em que vivemos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Refletir sobre as possibilidades e limites na Ética profissional.
- Compreender as concepções e evolução histórica da Ética profissional.
- Reconhecer a importância da atitude positiva e pró-ativana Ética profissional.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A ÉTICA E AS QUESTÕES FILOSÓFICAS LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº 01 É A ÉTICA UMA CIÊNCIA? A ÉTICA E A CIDADANIA LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº 02 ÉTICA E DIREITOS HUMANOS A ÉTICA E A EDUCAÇÃO LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº. 03 ÉTICA NA ESCOLA: FAÇA O QUE EU DIGO, MAS NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO ÉTICA PROFISSIONAL, O GRANDE DESAFIO NO MERCADO DE TRABALHO LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO N. 04 ÉTICA PROFISSIONAL É COMPROMISSO SOCIAL ESTUDO DE CASOS: ÉTICA PROFISSIONAL CASO 1 - UM GESTOR TEMPERAMENTAL CASO 2 - ÉTICA E CHOQUE CULTURAL NA EMPRESA CASO 3 - RESPEITO PELAS PESSOAS CASO 4 - CONSIDERAÇÕES PROVENIENTES DO COMITÊ DE ÉTICA A URGÊNCIA DE ATITUDES ÉTICAS EM SALA DE AULA

REFERÊNCIA BÁSICA

HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. Tradução André Campos Mesquita. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

NALINI, José Renato. Ética Geral e Profissional. 7.ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

PAIVA, Beatriz Augusto. Algumas considerações sobre ética e valor. In: BONETTI, Dilséa Adeodata et al. (Org.). Serviço social e ética: convite a uma nova práxis. 6.ed. São Paulo.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CHALITA, Gabriel. Os dez mandamentos da ética. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1997. COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

DOWBOR, Ladislau. A reprodução social: propostas para um gestão descentralizada. Petrópolis: Vozes, 1999. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERIÓDICOS

BRASIL. Ministério da Educação do. Disponível em: . Acesso em: 10 dez.2011.

261	**Fundamentos da Geografia Física**	**45**

APRESENTAÇÃO

Estuda as características naturais da superfície terrestre. Falhas geográficas, vulcanismo, convulsão tectônica. Fatores Geográficos, Bióticos, Geológicos, Humanos.

OBJETIVO GERAL

OBJETIVO ESPECÍFICO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

REFERÊNCIA BÁSICA

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

PERIÓDICOS

75	**Pesquisa e Educação a Distância**	**30**

APRESENTAÇÃO

A relação do ensino-aprendizagem na ação didática e no contexto da Educação a Distância no Brasil; EAD e a formação profissional; Ambiente virtual / moodle: conceito, funções e uso; Redes Sociais; Letramento Digital; Inclusão digital; Inovação pedagógica a partir do currículo e da sociedade de informação; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC); As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional; Cidadania, Ética e Valores Sociais; Pesquisas web.

OBJETIVO GERAL

Compreender a natureza, importância e possibilidades da Educação a distância no contexto sócio educacional em que vivemos. Analisar a importância do emprego das novas mídias e tecnologias para a formação profissional.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Refletir sobre as possibilidades e limites da educação a distância (EaD).
- Compreender as concepções de educação a distância de acordo com sua evolução histórica.
- Reconhecer a importância da atitude positiva e proativa do aluno da educação a distância.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

RELAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) 1. OS PILARES DO ENSINO UNIVERSITÁRIO 2. ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS IES 3. LEI Nº 5.540/68 E AS IES EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA AS IES 1. PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS 2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS CURSOS EAD 3. AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM - 3.1 CIBERCULTURA OU CULTURAL DIGITAL - 3.2 O CIBERESPAÇO - 3.3 AS TIC COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM - 3.4 MOODLE - 3.5 REDES E INTERNET LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL 1. INCLUSÃO DIGITAL 2. TIC E NOVOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS 3. CIDADANIA, ÉTICA E VALORES SOCIAIS METODOLOGIA CIENTÍFICA 1. A

PEQUISA E SEUS ELEMENTOS - 1.1 ETAPAS DA PESQUISA 2. CLASSIFICAÇÃO 3. MÉTODO DE PESQUISA: 4. TIPOS DE DADOS 5. FASES DO PROCESSO METODOLÓGICO 6. PESQUISA E PROCEDIMENTOS ÉTICOS 7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

REFERÊNCIA BÁSICA

LEMKE, J. L. Educação, Ciberespaço e Mudança. Em: The Arachnet Electronic Journal on Virtual Culture. 22. 22 de Março de 1993. Vol 1. Nº 1. LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. _____. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

LÉVY, P. O que é virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. PAPERT, Saymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 1993. RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura – Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002. RICARDO, Stella Maris Bortoni. O professor pesquisador. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

PERIÓDICOS

LEMKE, J. L. Educação, Ciberespaço e Mudança. Em: The Arachnet Electronic Journal on Virtual Culture. 22. 22 de Março de 1993. Vol 1. Nº 1.

195	Introdução à Cartografia e Fundamentos da Geologia	30

APRESENTAÇÃO

Uso do sensoriamento remoto na geologia. Orientações básicas de cartografia e geoprocessamento. Funcionamento de um Sistema de Informações Geográficas (SIG) conceitos, finalidades - Tratamento digital de imagens - Técnicas para a interpretação de imagens no estudo do espaço. Aplicações a análise ambiental.

OBJETIVO GERAL

Estudar as representações cartográficas como ferramenta importante para a compreensão da função e dos procedimentos da cartografia e da geologia e da relação destas com a geografia.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Apresentar as subdivisões e as classificações dos produtos cartográficos, além de tratar dos diferentes sistemas de projeção e do sistema de informações geográficas (SIG).
Compreender os processos gerais que governam a evolução e a dinâmica interna da Terra.
Desenvolver os principais conceitos teóricos da Geologia e da cartografia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I - HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA
1. O MUNDO NOS MAPAS
2. LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MAPAS
3. COMPREENDENDO OS MAPAS
4. VELHOS MAPAS, NOVAS LEITURAS: REVISITANDO A HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA
5. MAPAS E IMPÉRIO
6. UM SABER ESTRATÉGICO EM MÃOS DE ALGUNS
UNIDADE II - CARTOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS
1. ESTRATÉGIA CONTRA A PARALISIA ESPACIAL
2. “NÓS E OS 50 ANOS DA ERA ESPACIAL”
3. POR QUE GEOPROCESSAMENTO?
3.1. BREVE HISTÓRICO DO GEOPROCESSAMENTO
3.2. CONCEITOS BÁSICOS EM CIÊNCIA DA GEOINFORMAÇÃO
3.3 ESTRUTURA GERAL DO SIG – SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA
3.4 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA GEOINFORMAÇÃO
3.5 GEOPROCESSAMENTO PARA PROJETOS AMBIENTAIS
ANEXOS
1 REPORTAGENS – REVISTA GEO
1.1 O NASCIMENTO DO SENSORIAMENTO REMOTO
1.2 MONITORAMENTO POR SATÉLITE AUMENTA PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA

REFERÊNCIA BÁSICA

FITZ, Paulo Roberto. Cartografia Básica. Ed. Oficina de Texto.
JENSEN, John. R. Sensoriamento Remoto do Ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres. Ed. Parentense, 2009.
SILVA, J. X. Geoprocessamento para análise ambiental. Edição do Autor: Rio de Janeiro, 2001.
SILVA, Jorge Xavier e ZAIDAN, Ricardo Tavares. Geoprocessamento e Meio Ambiente. Ed. Bertrand Brasil, 2011.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

CÂMARA, G., DAVIS, C., MONTEIRO, A.M.; D'ALGE, J.C. Introdução à Ciência da Geoinformação. São José dos Campos: INPE, 2001.
GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da Cartografia. In: Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, nº 16. USP: São Paulo, 2004, p. 67-79;
LACOSTE, Yves. Um saber estratégico em mãos de alguns. In: A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 2008.
MATTOS, Carlos de Meira. Brasil: geopolítica e destino. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
RAFFO, Jorge, MORATO, Rúbia Gomes. O nascimento do sensoriamento remoto. Revista Geo, São Paulo, Edição 26, 2009.
SEABRA, Felipe. Monitoramento por satélite aumenta produtividade agrícola. Revista Geo, São Paulo, Edição 38, 2011.

PERIÓDICOS

FRANÇA, Ronaldo. Em matéria de conhecimentos geográficos, os brasileiros são de uma ignorância que não está no mapa. **Revista Veja,** Dez. 2007, p. 109.

262	Introdução ao Estudo da Geomorfologia	45

APRESENTAÇÃO

Geomorfologia ambiental: métodos, técnicas e escalas utilizadas; Fatores endógenos e exógenos responsáveis pela formação do relevo; O homem como agente transformador da paisagem; Mapeamento geomorfológico como suporte a análise e ao planejamento ambiental.

OBJETIVO GERAL

Estudar as formas do modelado terrestre, analisando e classificando-as conforme seus aspectos e suas dimensões, bem como investigar desde a geomorfologia a gênese de cada estrutura para que possa-se conhecer sua evolução, compreender a atual descrição do relevo e suas transformações nas diferentes fases evolutivas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Reconhecer a Geomorfologia como uma ponte entre a Geografia e a Geologia;
Estudar uma série de problemas complexos e heterogêneos, alguns dos quais resolvem-se através de métodos físico-geográficos e outros mediante a aplicação de métodos geológicos;
Definir o ciclo hidrológico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOMORFOLOGIA
PRINCÍPIOS DA GEOMORFOLOGIA
PROCESSOS GEOMORFOLÓGICOS
SISTEMAS DE REFERÊNCIAS EM GEOMORFOLOGIA
OS NÍVEIS METODOLÓGICOS EM GEOMORFOLOGIA
PROCESSOS GEODINÂMICOS INTERNOS
PRINCÍPIOS DA TEORIA DA TECTÔNICA DE PLACAS
ARCOS INSULARES INTRA-OCEÂNICOS
RIFTES CONTINENTAIS E OCEÂNICOS
BACIAS SEDIMENTARES
PROCESSOS GEODINÂMICOS EXTERNOS
A HIDROGRAFIA NA INTERFACE COM A GEOMORFOLOGIA
O CICLO HIDROLÓGICO
BACIAS DE DRENAGEM: SISTEMAS HIDROMORFOLÓGICOS
O TRABALHO DOS RIOS NA CONSTITUIÇÃO GEOMORFOLÓFICAS
OS TIPOS DE LEITOS FLUVIAIS
OS TIPOS DE CANAIS FLU
VIAIS
O TRABALHO EÓLICO NA CONSTITUIÇÃO
GEOMORFOLÓGICA DA TERRA
EROSÃO GLACIAL
O TRABALHO EROSIVO DO MAR
EROSÃO: HÍDRICA, POR GRAVIDADE E INTEMPERISMO
O HOMEM COMO AGENTE TRANSFORMADOR DA PAISAGEM
GEOPROCESSAMENTO
CLASSIFICAÇÃO DOS MAPAS
DO PASSADO AO FUTURO
A TRIANGULAÇÃO

REFERÊNCIA BÁSICA

CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgar Blücher, 1980. 188p.
GUERRA, A. J. T. e CUNHA, S. B. (orgs.). Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

JATOBÁ, L. & LINS, R. C. Introdução à Geomorfologia, Recife, Bargaço, 1995.
ROSS, J. L. S. Geomorfologia: ambiente e planejamento. São Paulo: Contexto, 3.ed., 1996, 84p.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ABREU, A.A. Significado e Propriedades do Relevo na Organização do Espaço. In: Anais do Simpósio de Geografia Física Aplicada 1, B. Geogr. Teorética, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, 154-162, 1985.

AB´SÁBER, A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário. Geomorfologia. n.18, IG-USP, S. Paulo, 1969.

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. Geografia geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2005.

PERIÓDICOS

CHRISTOFOLETTI. A. Geomorfologia. São Paulo: Edgar Blücher, 1980. 188p.

ROSS, J. L. S. Geomorfologia: ambiente e planejamento. São Paulo: Contexto, 3a ed., 1996, 84p.

76	Metodologia do Ensino Superior	60

APRESENTAÇÃO

A função sociocultural do currículo na organização do planejamento: temas geradores, projetos de trabalho, áreas de conhecimento. Analise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Inovação curricular: metodologia de projetos e a interdisciplinaridade na organização curricular; Implicações didático-pedagógicas para a integração das tecnologias de informação e comunicação na educação.

OBJETIVO GERAL

Proporcionar uma reflexão sobre a atuação do professor como agente de formação de cidadãos críticos e colaborativos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Aprimorar conceitos ligados a educação contemporânea;
- Reconhecer a importância do planejamento;
- Discutir o currículo escolar na educação de hoje;
- Analisar a Universidade, suas funções e as metodologias e didáticas que estão sendo empregadas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

DOCÊNCIA SUPERIOR — UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO FUNÇÃO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA FORMAÇÃO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: POSSIBILIDADES E OS LIMITES QUE COMPROMETEM UMA PRÁTICA REFLEXIVA A DIDÁTICA E O ENSINO SUPERIOR A DIDÁTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO/TÉCNICO/OPERACIONAL OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO QUESTÕES DE METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR – A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DA ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM O ENSINO E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO – O ENSINO DESENVOLVIMENTAL PLANO INTERIOR DAS AÇÕES PROCEDIMENTO METODOLÓGICO GERAL (EXPLICITAÇÃO) INTERNALIZAÇÃO DOS CONCEITOS REQUISITOS PARA O PLANEJAMENTO DO ENSINO ETAPAS DO PROCESSO DE

ASSIMILAÇÃO DE GALPERIN MOMENTOS OU ETAPAS DA ATIVIDADE COGNOSCITIVA HUMANA PLANEJAMENTO DE ENSINO: PECULIARIDADES SIGNIFICATIVAS ESTRUTURA DE PLANO DE CURSO

REFERÊNCIA BÁSICA

ANDRÉ, Marli (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001. (Prática Pedagógica). p. 55-68. CARVALHO, A. D. Novas metodologias em educação, Coleção Educação, São Paulo, Porto Editora, 1995. GARCIA, M. M.ª: A didática do ensino superior, Campinas, Papirus, 1994.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da Educação Brasileira. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. GODOY: A didática do ensino superior, São Paulo, Iglu, 1998. LEITE, D., y MOROSINI, M. (orgs.): Universidade futurante: Produção do ensino e inovação, Campinas, Papirus, 1997. LIBÂNEO, José Carlos: Didática, São Paulo, Cortez, 1994. MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) Docência na universidade. 9ª. ed. Campinas: Papirus, 2008.

PERIÓDICOS

PACHANE, Graziela Giusti. Educação superior e universidade: algumas considerações terminológicas e históricas de seu sentido e suas finalidades. In: Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2006, p. 5227.

260	Fitogeografia Brasileira	30

APRESENTAÇÃO

Aspectos relacionados ao quadro das paisagens naturais e ambiental. Esboço da vegetação brasileira. Os Biomas do mundo e do Brasil. As APP e a realidade brasileira. O Novo Código Florestal Brasileiro. As Leis brasileiras. A mata atlântica e os projetos de preservação. O atual quadro da Mata Atlântica. Cobertura vegetal e espaços livres em áreas urbanizadas. Os desafios da preservação dos ecossistemas naturais no mundo.

OBJETIVO GERAL

Reconhecer os principais tipos de vegetação natural ou antrópica existentes e interpretar o efeito das características físicas sobre a vegetação.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar as variadas formas de cobertura vegetal que predominam no Brasil.;
Avaliar a importância da preservação da biodiversidade vegetal no Brasil e no mundo;
Dimensionar a degradação dos principais biomas brasileiros.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS RELACIONADOS AO QUADRO DAS PAISAGENS NATURAIS E AMBIENTAL
CAPÍTULO 2- ESBOÇO DA VEGETAÇÃO BRASILEIRA
CAPÍTULO 3 – OS BIOMAS DO MUNDO E DO BRASIL
1. CONCEITO DE BIOMA
2. BIOMAS MUNDIAIS
2.1 TUNDRA
2.2 TAIGA (FLORESTA BOREAL)
2.3 FLORESTA TEMPERADA
2.4 FLORESTA TROPICAL

2.5 CAMPOS
2.6 SAVANA
2.7 DESERTO
3. PRINCIPAIS BIOMAS BRASILEIROS
3.1 FLORESTA AMAZÔNICA
3.2 CAATINGA
3.3 CERRADO
3.4 MATA ATLÂNTICA
3.5 PANTANAL
3.6 PAMPAS (CAMPOS SULINOS)
3.7 ZONA COSTEIRA
3.8 ÁREAS DE TRANSIÇÃO
CAPÍTULO 4 – AS APP E A REALIDADE BRASILEIRA
CAPÍTULO 5 – O NOVO CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO
1. O CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO: REVISÃO HISTÓRICA
2. PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO
CAPÍTULO 6 – A MATA ATLÂNTICA E OS PROJETOS DE PRESERVAÇÃO
CAPÍTULO 7 – COBERTURA VEGETAL E ESPAÇOS LIVRES EM ÁREAS URBANIZADAS
CAPÍTULO 8 – OS DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DOS ECOSSISTEMAS NATURAIS NO MUNDO

REFERÊNCIA BÁSICA

AB'SABER, Aziz Nacib. Domínios De Natureza No Brasil. Atelie Editorial, 2010.
LEITE, Marcelo. Brasil, Paisagens Naturais. Ática, 2007.
TAUK, Samia M. Análise Ambiental. Ed. UNESP, 1995.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I. G. Status do hotspot Mata Atlântica: uma síntese. In: GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I. G. Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica/ Conservação Internacional, 2005.
LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Nacional, 1969.
MILANO, M. S. Arborização Urbana. In: Curso sobre Arborização Urbana. Resumos. Curitiba, UNILIVRE/Prefeitura Municipal de Curitiba / Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, p. 1-52.

PERIÓDICOS

AB'SABER, A. N. Os domínios morfo-climáticos na América do Sul: primeira aproximação geomorfológica. São Paulo: IG/USP, 1977.
_____. As grandes paisagens brasileiras. Série Problemas Brasileiros. São Paulo: USP, 1970.
BRASIL. Dispõe sobre o Código Florestal de 2012. Lei n° 12.651, de 25 de maio de 2012.
_____. Dispõe sobre o Estatuto da Cidade e Legislação Correlata. Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001. 2a ed., Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002. 80

77	**Metodologia do Trabalho Científico**	**60**

APRESENTAÇÃO

A natureza do conhecimento e do método científico. Planejamento, organização e sistematização de protocolos de pesquisa. Identificação dos diferentes métodos de investigação científica. Organização do estudo e da atividade acadêmica como condição de pesquisa. A documentação como método de estudo. Estrutura, apresentação e roteiro dos trabalhos acadêmicos. A normatização da ABNT.

OBJETIVO GERAL

Compreender os aspectos teóricos e práticos referentes à elaboração de trabalhos científicos, enfatizando a importância do saber científico no processo de produção do conhecimento.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Utilizar diferentes métodos de estudo e pesquisa;
- Ter capacidade de planejamento e execução de trabalhos científicos;
- Conhecer as etapas formais de elaboração e apresentação de trabalhos científicos;
- Saber usar as Normas Técnicas de Trabalhos Científicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. INTRODUÇÃO 2 CONHECIMENTO E SEUS NÍVEIS 2.1 O QUE É CONHECIMENTO? / 2.2 TIPOS DE CONHECIMENTOS 2.3 CONHECIMENTO EMPÍRICO / 2.4 CONHECIMENTO FILOSÓFICO 2.5 CONHECIMENTO TEOLÓGICO / 2.6 CONHECIMENTO CIENTÍFICO 3 CIÊNCIA 3.1 CARACTERÍSTICAS DA CIÊNCIA / 3.2 DIVISÃO DA CIÊNCIA 3.3 ASPECTOS LÓGICOS DA CIÊNCIA / 3.4 CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS 4 MÉTODO CIENTÍFICO 4.1 MÉTODO CIENTÍFICO E CIÊNCIA / 4.2 MÉTODO DEDUTIVO 4.3 MÉTODO INDUTIVO 5 PROJETO DE PESQUISA 5.1 O QUE OBSERVAR EM PESQUISA / 5.2 TIPOS DE PESQUISA 5.3 PESQUISA EXPLORATÓRIA/ BIBLIOGRÁFICA / 5.4 PESQUISA DESCRITIVA 5.5 PESQUISA EXPERIMENTAL 6 FASES DA PESQUISA 6.1 QUANTO À ESCOLHA DO TEMA / 6.2 HIPÓTESE DE PESQUISA 6.3 OBJETIVO DE PESQUISA / 6.4 ESTUDOS QUANTITATIVOS 6.5 ESTUDOS QUALITATIVOS / 6.6 MÉTODO DE COLETA DE DADOS 6.7 FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS / 6.8 AMOSTRAGEM DE PESQUISA 6.9 ELABORAÇÃO DOS DADOS / 6.10 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 6.11 RELATÓRIO DE PESQUISA 7 ARTIGO CIENTÍFICO 8 MONOGRAFIA 8.1 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA 8.2 DETALHANDO OS ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS 8.3 ELEMENTOS TEXTUAIS 8.4 REFERÊNCIAS 8.5 APÊNDICE 8.6 ANEXO 9 CITAÇÕES DIRETAS E INDIRETAS CITAÇÕES INDIRETAS OU LIVRES CITAÇÃO DA CITAÇÃO 10 FORMATO DO TRABALHO ACADÊMICO 11 TRABALHOS ACADÊMICOS 11.1 FICHAMENTO 11.2 RESUMO 11.3 RESENHA 12 RECOMENDAÇÕES PARA EVITAR O PLÁGIO

REFERÊNCIA BÁSICA

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1993.

GALLIANO, A. G. (Org.). O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harper &Row do Brasil, 1999.

KOCHE, José Carlos. Fundamento de metodologia científica. 3. ed. Caxias do Sul:UCS; Porto Alegre: EST, 1994.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação — Referências — Elaboração. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e documentação — Sumário — Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

LEHFEL, Neide Aparecida de Souza. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

PERIÓDICOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Normas de apresentação tabular. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2008.

197	O Clima, a Atmosfera e a Vida Terrestre	45

APRESENTAÇÃO

Circulação e dinâmica Atmosférica. Clima e ambiente: meio rural e urbano. Problemas ambientais ligados ao clima. Os processos homem – natureza e suas transformações históricas. As mudanças climáticas globais e a cidade. Os problemas atmosféricos globais, efeito estufa e outros. Conservação da biodiversidade nas escalas local à global.

OBJETIVO GERAL

Entender a dinâmica atmosférica no tempo e espaço através dos sistemas produtores de tempo e dos fatores que levam a mudanças e variações climáticas em diferentes escalas (local, Brasil e Mundo).

OBJETIVO ESPECÍFICO

Estudar sobre a influência da atmosfera e de seus fenômenos sobre o meio urbano e rural, ao mesmo tempo fornecendo-lhe ferramentas e instrumentos para definição de métodos e práticas racionais de intervenção e convivência do homem com o meio ambiente.
Reconhecer os principais fatores que modificam o clima no Brasil.
Diferenciar tempo de clima.
Oferecer subsídios para o entendimento dos sistemas produtores do tempo e a influência para a caracterização climática do Globo, a partir da circulação geral da atmosfera.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I: ATMOSFERA TERRESTRE
1. TERRA E A ATMOSFERA
1.1 COMPOSIÇÃO DA ATMOSFERA
UNIDADE II: EFEITO ESTUFA
UNIDADE III: CLIMA E CLIMATOLOGIA
1. CLIMA
2. CLIMATOLOGIA
3. MASSAS DE AR QUE ATUAM NO BRASIL
4. CLASSIFICAÇÃO DOS CLIMAS DO BRASIL
5. MAPA UNIDADES CLIMÁTICAS DO BRASIL
6. MASSAS DE AR E FRENTES
6.1 PRINCIPAIS FATORES QUE MODIFICAM AS MASSAS DE AR TEMPERATURA
6.2 PRINCIPAIS MASSAS DE AR QUE AFECTAM O ESTADO DO TEMPO NA EUROPA OCIDENTAL
UNIDADE IV: METEOROLOGIA
1. ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS
2. PREVISÃO CLIMÁTICA
3. CONVENÇÃO – QUADRO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MUDANÇA DO CLIMA
UNIDADE V: VARIABILIDADE, ANOMALIA E MUDANÇA CLIMÁTICA
1. O AQUECIMENTO GLOBAL E A MUDANÇA CLIMÁTICA RECENTE

1.1 EVIDÊNCIAS
UNIDADE VI: PREDIÇÕES, DA MUDANÇA CLIMÁTICA NO SÉCULO XXI
UNIDADE VII: INFLUÊNCIA DAS CORRENTES OCEÂNICAS NO CLIMA DO BRASIL
1. AS CORRENTES MARINHAS DO BRASIL
2. EL NIÑO E LA NIÑA
UNIDADE VIII: IMPACTOS DE MUDANÇAS NA BIODIVERSIDADE TERRESTRE E MARINHA SOBRE O CLIMA REGIONAL E GLOBAL

REFERÊNCIA BÁSICA

DREW, D., 1998. Processos Interativos Homem — Meio Ambiente. 4.ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1998. 394 p.
GALVINCIO, Josicleda Domiciano. Mudanças Climáticas E Impactos Ambientais. UFPE. Ano 2010.
GUERRA, Antônio Jose Teixeira. Impactos Ambientais Urbanos No Brasil. Bertrand Brasil. Ano: 2001.
VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. T. Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 280p.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

AVILA-PIRES, F. D. Fundamentos da Ecologia. Ribeirão Preto, Holos Editora, 1999.
BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. Efeito Estufa e a Convenção Sobre Mudança do Clima. Brasília, DF: MCT, 1999. 25p.
_____, Ministério de Meio Ambiente. Questões Ambientais: Conceitos, História, Problemas e Alternativas. Brasília, DF: MME, CID Ambiental, 2001. 165 p.
_____, Ministério de Minas e Energia. Balanço Energético Nacional 2000: Ano Base 1999. Brasília, DF: MME, 2000. 157p.
_____, Senado. Legislação do Meio Ambiente. Brasília. D. F. Gráfica do Senado, 1998 v.1. e v.2.

PERIÓDICOS

MENDONÇA, F; MONTEIRO, C. A. F. Clima Urbano. São Paulo: Contexto, 2003.
NIMER, E. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1989.

127	Direito e Legislação Ambiental	45

APRESENTAÇÃO

Política e Legislação Ambiental. Política Nacional de Meio Ambiente. Legislação Ambiental na Constituição Federal e Estadual. Diretrizes internacionais de meio ambiente. Meios administrativos vos e judiciais de proteção ambiental. Legislação específica: unidades de conservação, poluição e licenciamento ambiental. Resoluções do CONAMA. Impacto, dano, culpa, responsabilidade e indenização. Áreas de preservação.

OBJETIVO GERAL

• Análise da legislação ambiental que regulamentam a relação do homem com o território e o meio ambiente que o integra e a política nacional do meio ambiente.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Reconhecer as principais diretrizes internacionais de meio ambiente; • Posicionar-se sobre a Legislação Ambiental na Constituição Federal e Estadual; • Argumentar a Legislação específica sobre as unidades de conservação, poluição e licenciamento ambiental.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE SISNAMA COMPETÊNCIA DO CONAMA CONDIÇÕES ATENUANTES E AGRAVANTES INSTRUMENTOS DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE DIREITO DE PETIÇÃO DIREITO DE CERTIDÃO LICENÇAS AMBIENTAIS LICENÇA PRÉVIA - LP EIA/RIMA AUDIÊNCIA PÚBLICA INSTITUIÇÕES DE CONTROLE DO MEIO AMBIENTE AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS ATIVIDADES MODIFICADORAS DO MEIO AMBIENTE VANTAGENS DA AIA INCERTEZAS DA AIA CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DE ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL DESCRIÇÃO DO PROJETO E SUAS ALTERNATIVAS DETERMINAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO PROJETO IDENTIFICAÇÃO E ESTIMATIVA DOS IMPACTOS AMBIENTAIS ESTUDO E DEFINIÇÃO DE MEDIDAS MITIGADORAS PROGRAMAS DE GERENCIAMENTO RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS MÉTODOS APLICÁVEIS CLASSIFICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE AIA MÉTODOS "AD HOC" OU ESPONTÂNEOS CHECK LIST OU LISTAGEM DE CONTROLE MATRIZES SOBREPOSIÇÃO DE MAPAS DIAGRAMAS / REDES DE INTERAÇÃO MODELOS DE PREDIÇÃO GERENCIAMENTO AMBIENTAL (ISO 14.000) ISO 14.000 - GESTÃO AMBIENTAL SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL - SGA AUDITORIA AMBIENTAL AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO AMBIENTAL ROTULAGEM AMBIENTAL ANÁLISE DO CICLO DE VIDA ASPECTOS AMBIENTAIS DE NORMAS DE PRODUTOS ECOPRODUTOS E O CONSUMIDOR ‘VERDE’ AS 17 LEIS AMBIENTAIS DO BRASIL

REFERÊNCIA BÁSICA

AMORIM, Carpena. A reparação de dano decorrente do crime. Rio de Janeiro: Espaço Jurídico, 2000. MACHADO, P. A. L. Direito Ambiental Brasileiro. 11.ed. Ver. Atual, São Paulo: Malheiros Editores, 2003. NARDY, A. SAMPAIO, J. A. L, WOLD, C. Princípios de direito ambiental. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

RODRIGUES, Marcelo Abelha, (2002). Instituições de Direito Ambiental. Vol. I. São Paulo: Max Limonad. ROMERÓ, M. A.; BRUNA, G. C. (Eds.). Curso de Gestão Ambiental. Barueri: Manole, 2004. SILVA, José Afonso. Direito Ambiental Constitucional. 4 ED. São Paulo: Malheiros,2003 _____, José Afonso. Curso de direito constitucional positivo. 23. ed. São Paulo: Malheiros,2004. WAINER, Ann Helen. (1999). Legislação ambiental brasileira: subsídios para história do Direito Ambiental. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense.

PERIÓDICOS

GRECO, Leonardo. (2006). A Busca da Verdade e a Paridade de Armas na Jurisdição Administrativa - Revista CEJ, Brasília, n. 35, p. 20-27, out./dez.

263	**Recursos Hídricos**	**45**

APRESENTAÇÃO

A bacia hidrográfica como unidade de estudo, planejamento e gestão dos recursos hídricos; Ciclo hidrológico; Aquíferos superficiais e subterrâneos; Os recursos hídricos no mundo; Distribuição e disponibilidade dos recursos hídricos no Brasil; Métodos e potencialidades da água na produção econômica no Brasil; As fontes de energias hidráulicas; A água potável e sua escassez; Poluição e contaminação das bacias hidrográficas; O espaço urbano e a água. Saneamento, redes e estrutura dos sistemas hídricos nas cidades.

OBJETIVO GERAL

Conhecer e discutir diferentes formas de análise de bacias hidrográficas e compreender a gestão de recursos hídricos a partir da Política Nacional de Recursos Hídricos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Entender a contribuição da geomorfologia fluvial no conhecimento da estrutura e funcionamento das bacias hidrográficas;
Conhecer alguns conceitos e parâmetros de hidrologia e sua importância para o entendimento da dinâmica de bacias hidrográficas;
Compreender os objetivos, as diretrizes e os instrumentos da Política Nacional de Recursos Hídricos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

RECURSOS HÍDRICOS: CONCEITUAÇÃO, DISPONIBILIDADE E USOS
CONCEITO DE RECURSOS HÍDRICOS
USOS DA ÁGUA
ESCASSEZ DE RECURSOS HÍDRICOS
RECURSOS HÍDRICOS NO BRASIL
USO DOS RECURSOS HÍDRICOS NO BRASIL
LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HÍDRICOS
RECURSOS HÍDRICOS NA CONSTITUIÇÃO
LEGISLAÇÃO ORDINÁRIA
CÓDIGO DAS ÁGUAS
LEI DAS ÁGUAS
RECURSOS HÍDRICOS E SANEAMENTO BÁSICO
RECURSOS HÍDRICOS NO BRASIL
BRASIL: ASPECTOS GERAIS
DEMOGRAFIA E ECONOMIA
ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS
OS BIOMAS
AS GRANDES BACIAS HIDROGRÁFICAS
OS PROBLEMAS DE POLUIÇÃO E DE QUALIDADE DAS ÁGUAS
A ÁGUA SUBTERRÂNEA
ARCABOUÇO LEGAL DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS
A POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE
O SISTEMA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – SISNAMA
O CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA
OS PRECEITOS CONSTITUCIONAIS
O CÓDIGO DE ÁGUAS
A POLÍTICA NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS
O CONSELHO NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS
OS COMITÊS DE BACIAS HIDROGRÁFICAS
A AGÊNCIA DE ÁGUA E SUA CRIAÇÃO
OS INSTRUMENTOS DE GERENCIAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS
A LEGISLAÇÃO EM NÍVEL ESTADUAL
AVALIAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS
REDE NACIONAL DE QUANTIDADE E DE QUALIDADE DE ÁGUA
PROGRAMA NACIONAL DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO AMBIENTAL – MONITORE
PROJETO MACROMONITORAMENTO AMBIENTAL
USO MÚLTIPLO DA ÁGUA
SANEAMENTO BÁSICO
AGRICULTURA E IRRIGAÇÃO
ENERGIA HIDRELÉTRICA
TRANSPORTE HIDROVIÁRIO
USO INDUSTRIAL
PESCA E AQUICULTURA

TURISMO E LAZER
PROGRAMAS E PROJETOS
PRINCIPAIS INICIATIVAS DO GOVERNO FEDERAL
EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS EM GESTÃO DE BACIAS
COMITÊS DE BACIAS
EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO EM REGIÕES METROPOLITANAS
PARTICIPAÇÃO SOCIAL
COOPERAÇÃO INTERNACIONAL
O TRATADO DA BACIA DO PRATA
O TRATADO DE COOPERAÇÃO AMAZÔNICA
OUTROS ACORDOS
URBANIZAÇÃO E RECURSOS HÍDRICOS
POPULAÇÃO E URBANIZAÇÃO
USOS E IMPACTOS DA URBANIZAÇÃO NOS RECURSOS HÍDRICOS
VISÃO GERAL
PRINCIPAIS RISCOS
GESTÃO INTEGRADA DAS ÁGUAS URBANAS
ESTRUTURA DA GESTÃO DA CIDADE
OS SERVIÇOS
INTEGRAÇÃO

REFERÊNCIA BÁSICA

MATSUMURA T. TUNDISI, Jose G. Recursos Hídricos no Século XXI. Oficina de textos, 2011.
ROCHA, A. A. Sociedade e Natura - A Produção do Espaço Urbano. Edições UESB, 2011.
MAGALHAES J. A. Indicadores Ambientais e Recursos Hídricos. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil,2007.
SCHIAVETTI, A. ; CAMARGO, A. F. M. (orgs.). Conceitos de Bacias Hidrográficas: teorias e aplicações. Ilhéus: Editus, 2002. 289p.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL (ABES). Catálogo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental – CABES XVIII, Rio de Janeiro, 1998.

BENEVIDES, V. F. S.; BEEKMAN, G. B. Aspectos de sustentabilidade e vulnerabilidade dos recursos hídricos. Anais... XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, Recife, 1995.

BRASIL. Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: o desafio do desenvolvimento sustentável. Brasília: CIMA, 1991.

BRASIL. Disponibilidade hídrica do Brasil. Ministério de Minas e Energia/ Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica/ Coordenação Geral de Recursos Hídricos, 1994.

CABRAL, B. Direito Administrativo: Água. Brasília: Senado Federal, 1997.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. A Agenda 21. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

PEREIRA JÚNIOR, J. S. Recursos hídricos – Conceituação, disponibilidade e usos. Brasília: Câmara dos Deputados/ Consultoria Legislativa, 2004.

TUCCI, C.E.M. Urbanização e Recursos Hídricos. In: TUCCI, C. E. M. Programa Nacional de Águas Pluviais. Ministério das Cidades Brasília: Ministério das Cidades, 2005.

PERIÓDICOS

UM. 2009. Urban and rural. Link para acesso: http://www.un.org/esa/population/publications/wup2007/2007 urban_rural.htm.

20	Trabalho de Conclusão de Curso	30

APRESENTAÇÃO

Orientação específica para o desenvolvimento dos projetos de conclusão de curso. Elaboração e apresentação de trabalho de conclusão de curso.

OBJETIVO GERAL

Pesquisar e dissertar sobre um tema relacionado à sua formação no curso de pós-graduação.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Construir, mediante a orientação de um docente, o Trabalho de Conclusão de Curso tendo em vista a temática escolhida e o cumprimento das etapas necessárias.
- Apresentar e argumentar sobre o referido trabalho.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO; CONSTRUÇÃO DA MATRIZ ANALÍTICA (PROJETO DE TCC); 2. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA A SER EMPREGADA NO ESTUDO; 3. MONTAGEM DO PROJETO DE TCC; 4. APRESENTAÇÃO DO PROJETO; 5. COLETA E ANÁLISE DE DADOS; 6. REDAÇÃO DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS; 7. MONTAGEM FINAL DO TCC; 8. APRESENTAÇÃO DO TCC; 9. AVALIAÇÃO DO TCC; 10. CORREÇÃO E ENTREGA DA VERSÃO FINAL DO TCC.

REFERÊNCIA BÁSICA

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 2.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: ATLAS, 1988.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

KÖCHE, José C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997 SÁ, Elizabeth S. (Coord.). Manual de normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1994.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERIÓDICOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Normas de apresentação tabular. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2008.

Avaliação será processual, onde o aluno obterá aprovação, através de exercícios propostos e, atividades programadas, para posterior. O aproveitamento das atividades realizadas deverá ser igual ou superior a 7,0 (sete) pontos, ou seja, 70% de aproveitamento.

SUA PROFISSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Na Geografia Física, trabalha-se com o manejo ecológico pensando também no humano. É importante salvar esse tipo de solo, porque a comunidade local o utiliza. Dessa forma, a área de atuação é análise de processos geográficos para aplicabilidade no âmbito social e físico.